



**Atitudes cristãs em relação ao
islã e aos muçulmanos:**

Uma Abordagem Kerigmática

Martin Accad

Este artigo não reflete necessariamente a posição do 'Centro de Reflexão Missiológica Martureo'. Representa uma parte do pensamento evangélico brasileiro e/ou mundial em relação a diferentes aspectos da Missão, publicado aqui com o intuito de contribuir para a nossa reflexão como movimento missionário.

Juntamente com as amplas deturpações e mal-entendidos que formam o pensamento contemporâneo entre cristianismo e islã, Oriente e Ocidente, reina uma atmosfera de medo em muitos círculos no que se refere ao diálogo cristão-muçulmano. O termo diálogo tem se tornado uma palavra perigosa, que insinua ou sincretismo ou polêmica. Mas será que, entre esses dois extremos, existem outras posições viáveis no espectro da interação entre cristãos e muçulmanos? O objetivo deste capítulo é propor uma abordagem equilibrada e suprarreligiosa à interação entre cristãos e muçulmanos, que será chamada de interação *Kerigmática*¹.

Medo do diálogo hoje

A palavra “diálogo” hoje é frequentemente mal-entendida, não importando se é usada nas esferas conservadoras, nas mais liberais ou nas seculares. O conservador o verá como algo que leva inevitavelmente ao sincretismo, enquanto que o liberal terá medo de que ele seja usado como um veículo para a polêmica. O religioso terá medo de se envolver no diálogo, a fim de que não seja forçado a se comprometer, enquanto que o secularista evitará o diálogo por considerá-lo uma plataforma para a declaração de exclusão. O relativista usará o diálogo para harmonizar diferenças, enquanto que o absolutista vai usá-lo para demonstrar a superioridade de suas próprias visões.

Gostaria de sugerir, porém, que essas duas posições opostas se colocam de fato nas pontas de um espectro de posições e atitudes potenciais. A interação cristã com o islã não precisa se limitar a uma posição, seja de sincretismo ou de polêmica. De fato, esses dois extremos dificilmente se qualificam como diálogo, uma vez que o primeiro abole a distinção entre dois parceiros legítimos de diálogo, e o segundo está envolvido por demais na autoafirmação para que consiga ser capaz de escutar o que quer que seja. Diante disso, essas duas posições extremas pertencem à categoria do monólogo, uma vez que nenhum parceiro dialógico está sequer envolvido seriamente. Visto que essas duas posições de fato existem no espectro, chamo esse contínuo de Espectro da Interação entre Cristãos e Muçulmanos, em vez de Diálogo Cristão-Muçulmano, com o objetivo de preservar a neutralidade do envolvimento. Descreverei neste capítulo as várias posições do espectro, dando particular atenção à posição mediana, a interação *Kerigmática*, numa tentativa de ajudar o leitor a desenvolver uma atitude equilibrada diante das realidades islâmicas que se tornam mais e mais presentes em nosso mundo global, Oriente e Ocidente.

A interação entre cristãos e muçulmanos não deve mais ser vista como uma opção entre muitas. No meio dos conflitos religiosos e políticos que estão continuamente e cada vez mais desafiando o mundo em que vivemos, a pergunta não deve mais ser se o diálogo é necessário, mas sim qual tipo de diálogo precisa acontecer entre os povos do mundo².

A urgência de testemunhar e os desafios que ambos enfrentamos

Dada a importância sociopolítica do envolvimento entre cristãos e muçulmanos, por si só um tema importante, a urgência do diálogo reside particularmente no fato de que ambas as religiões são, em essência, voltadas para missões. Cristãos e muçulmanos não podem ser adequadamente chamados de cristãos e muçulmanos se não se envolverem em testemunho ao mundo, incluindo um ao outro. O Alcorão define a mensagem de Maomé como uma mensagem universal destinada a toda a criação. “Verdadeiramente essa nada mais é senão uma Mensagem a (todos) os Mundos: (com benefício) para todo aquele entre vocês que deseja andar corretamente” (at-Takwīr [81]:27, 28 Yusuf Ali).

Versículos do alcorão como o apresentado acima contêm uma convocação clara para que a *umma* (comunidade) islâmica espalhe a mensagem do islã ao mundo inteiro. Do mesmo modo, os evangelhos são claros sobre esse ponto também, particularmente na famosa passagem conhecida como a Grande Comissão. A mensagem de Jesus também deve ser pregada por todo o mundo:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28:18-20).

Tanto cristãos quanto muçulmanos precisam legitimamente ser capazes de proclamar e testemunhar da mensagem que receberam, tanto sem agressividade quanto sem temor de represália, mas sim em uma atmosfera de respeito mútuo, amor e humildade. Não é segredo, porém, que um muçulmano que se afaste do islã e adote o cristianismo como sua religião enfrentará, na maioria dos casos, algumas represálias sérias. Muito embora o Alcorão não seja explícito em relação a isso, todas as principais escolas jurídicas do islã, por toda a história, têm sido unânimes em relação ao destino do assim chamado apóstata. Tecnicamente, ele deve enfrentar a pena de morte. Apesar de tal penalidade raramente ter sido implementada, deve-se destacar que a prescrição legal é claramente contestada pelo Artigo 18 da Declaração dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, que afirma:

Todas as pessoas têm direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; *este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de credo*, assim como a liberdade de manifestar a sua religião ou credo, sozinho ou em comunidade com outros, quer em público ou em privado, através do ensino, prática, culto e rituais.³

Os cristãos também são confrontados com um sério desafio hoje, ao tentar testemunhar em um contexto muçulmano. A mensagem que a mídia e a liderança — política e religiosa — estabelece é ou de demonização ou de idealização do islã. No contexto da igreja cristã, a atitude é mais frequentemente a de demonização. Os cristãos sempre

defenderam que devemos amar os pecadores mas odiar o pecado. Essa é uma distinção moral que é bastante fácil de ser mantida, uma vez que ela é acompanhada pela noção de que todos nós somos pecadores que se encontram fora da graça de Deus. Contudo, existe hoje uma noção paralela, que se espalha de maneira alarmantemente rápida, de que devemos amar os muçulmanos mas odiar o islã. Essa ideia é perturbadora, pois está a um passo muito pequeno da demonização do islã e dos muçulmanos como um todo. Na realidade, observa-se que a maioria das pessoas é incapaz de manter tal separação teórica entre uma ideologia e seus seguidores. A premissa deste capítulo é a seguinte:

Sua visão do islã afetará sua atitude em relação aos muçulmanos. Sua atitude, por sua vez, influenciará sua abordagem à interação entre cristãos e muçulmanos, e essa abordagem afetará o resultado final de sua presença como uma testemunha entre muçulmanos.

Como então podemos desenvolver uma *visão*, uma compreensão do islã, que fomente em nós a atitude correta com o propósito de tornar frutíferos os nossos relacionamentos? É nesse contexto de reflexão sobre essa pergunta que desenvolvi o que agora chamo de “Espectro SEKAP de Interação entre Cristãos e Muçulmanos”. SEKAP é um acrônimo que abrevia as cinco posições dialógicas dentro do espectro (D1-D5): Sincretista, Existencial, Kerigmática, Apologética e Polemista. As cinco posições foram mais bem definidas depois de serem feitas dez perguntas: 1) Qual é a minha visão das religiões em geral? 2) Qual é a minha compreensão do islã? 3) Como vejo Maomé? 4) Qual é a minha percepção do Alcorão? 5) Como vejo os muçulmanos? 6) Qual é a minha opinião sobre o destino eterno deles? 7) Por que afinal me relaciono com os muçulmanos? 8) Quais abordagens eu adoto? 9) Quais resultados posso esperar? 10) Quanto conhecimento do islã isso exige de minha parte? O *Teste de Atitude em Relação ao Islã e aos Muçulmanos* (TARIM) foi desenvolvido com base nessas dez perguntas.

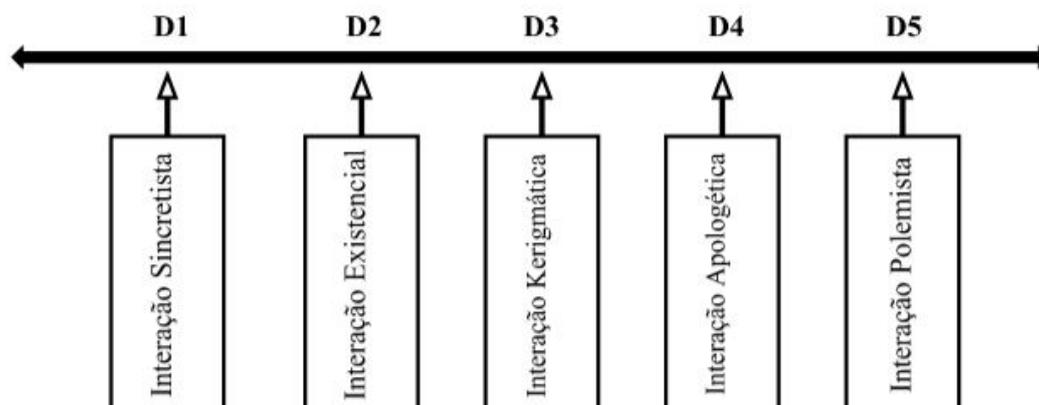


Figura 1: O Espectro SEKAP da interação entre cristãos e muçulmanos

A abordagem sincretista da interação entre cristãos e muçulmanos: todos os caminhos levam a Meca

Em sua conclusão de um capítulo sobre o cristianismo e outras religiões, o teólogo John Hick faz uma citação do Bhagavad Gītā hindu: “Permita-me então concluir com uma citação de uma das grandes escrituras revelatórias do mundo: ‘Seja como for que o homem se aproxime de mim, de qualquer forma o aceitarei; pois, por todos os lados, qualquer caminho que ele escolher é meu’”.⁴

O fato de Hick ter de recorrer a uma citação de fora da Escritura cristã para resumir sua visão pluralista nos leva a perguntar quão cristã sua posição de fato é. O sincretismo é diferente do pluralismo. O pluralismo é uma categoria com preocupações fundamentais sobre a questão da salvação, enquanto que o sincretismo é uma abordagem à religião que trata de maneira mais abrangente os seus vários aspectos, além da salvação, com um desejo de reconciliar suas diferenças.⁵ O sincretismo relativiza as diferenças entre as religiões, enquanto que o pluralismo enfatiza a particularidade cultural de cada sistema religioso, ao mesmo tempo em que apoia sua igualdade objetiva. Como uma atitude geral e abrangente em relação às outras religiões — e, aqui, particularmente considerando a atitude de cristãos e do cristianismo em relação aos muçulmanos e ao islã —, escolhi, portanto, chamar de sincretismo, em vez de pluralismo, a abordagem à interação entre cristãos e muçulmanos na ponta D1 do espectro.

Embora a abordagem sincrética ao islã possa considerar todas as religiões como possuidoras da mesma importância, também haverá certa suspeita de todas as religiões, vendo-as como um obstáculo potencial para a paz entre indivíduos, comunidades e, por fim, entre nações. Ao mesmo tempo, essa posição consideraria que a contribuição positiva das religiões reside principalmente nos padrões morais que elas podem instilar em indivíduos dentro de suas sociedades. Nessa visão, o islã é basicamente visto como um fenômeno sociopolítico como qualquer outro movimento religioso bem-sucedido da história humana. Maomé é visto como tendo sido um líder sociopolítico que soube fazer uso de sua realidade econômica e histórica contemporânea como vantagem para sua comunidade e seus propósitos pessoais. O Alcorão é visto como um feito literário do próprio Maomé ou de alguém pertencente a seu grupo, que o profeta do islã usou com o objetivo de impressionar uma sociedade que era fortemente atraída por literatura poética. E, sob essa luz, os muçulmanos seriam considerados simplesmente aderentes de uma ideologia religiosa da mesma maneira que outros povos religiosos.

A interação sincrética é realizada com o propósito de convidar muçulmanos a serem uma parte positiva de uma humanidade universal, multicultural e multirreligiosa em toda a sua rica pluralidade. Isso é feito ao se relativizar as diferenças religiosas dialogando principalmente sobre tópicos sociais, econômicos e políticos, sem necessariamente requerer qualquer conhecimento profundo do islã. Devido à natureza secular

desse diálogo, ele de modo geral acontecerá entre leigos ou acadêmicos seculares que podem pertencer a várias comunidades religiosas. Esse tipo de diálogo tem grande possibilidade de alienar líderes religiosos de ambos os lados.

Embora esse tipo de diálogo possa oferecer algumas perspectivas acadêmicas úteis sobre a religião, em especial adotando uma abordagem típica da história da religião, nenhum impacto profundo nos relacionamentos cotidianos das comunidades será alcançado. Pois, de maneira geral, os líderes religiosos é que são os mais influentes no nível popular de uma cultura que é religiosa em seu cerne.

A abordagem polemista da interação entre cristãos e muçulmanos: Buscar e Destruir

A interação polemista entre o cristianismo e o islã se coloca na outra ponta do espectro. O termo “polemista” vem da palavra grega *polemos*, que significa simplesmente “guerra”. A abordagem polemista da interação entre cristãos e muçulmanos é exatamente aquela abordagem que adota estratégias de guerra no relacionamento com outra religião, onde uma busca destruir e erradicar os princípios fundamentais da outra com o objetivo de substituí-los pelos seus próprios. Muitos exemplos dessa abordagem são encontrados na história da interação entre o cristianismo e o islã. Um dos mais antigos e clássicos é o tratamento do islã por João Damasceno (ou João de Damasco), um pai da igreja oriental greco-árabe do século VIII (675–753), cujo pai foi médico na corte do califado Omíada. João Damasceno abordou o islã no final de seu tratado *Contra heresias*, chamando-o de heresia dos ismaelitas.

De modo geral, a abordagem polemista terá uma visão triunfalista do cristianismo com total exclusão das demais religiões. A ideologia promovida costuma ser uma forma altamente institucionalizada de cristianismo, o substituto religioso do islã. Todas as outras visões de mundo são entendidas como simplesmente erradas e não possuidoras de nada de bom a oferecer aos cristãos através do diálogo. Nessa visão, o islã é entendido como um mal e um espinho na carne do cristianismo. Logo de início, essas abordagens deram origem a um gênero de literatura apocalíptica que considerava que Deus havia permitido o surgimento do islã como uma punição pela complacência dos cristãos. Como líder daquela religião, Maomé é visto como alguém possuído por demônios, um anticristo cuja missão era enganar todas as pessoas. Consequentemente, o Alcorão teria sido inspirado pelo demônio e está cheio de mentira e engano, a tal ponto que simplesmente lê-lo torna a pessoa impura. Como resultado, os muçulmanos são seguidores enganados de uma religião que os levará ao inferno.⁶

A principal razão pela qual um cristão que segue essa visão procuraria se envolver com o islã é normalmente para demonstrar aos muçulmanos que o islã é falso e enganoso. A mensagem é comunicada ao se acentuar as diferenças religiosas e proclamar que os

muçulmanos irão para o inferno se não rejeitarem o islã. Uma variante dessa proclamação agressiva costuma ser uma perda generalizada de interesse no evangelismo, com a consideração de que os muçulmanos não são nem mesmo dignos de ouvir o evangelho.

O resultado mais provável de tal discurso é uma reação agressiva. Ao mesmo tempo, os promotores dessa abordagem normalmente a justificarão destacando que muitos muçulmanos estão sendo ganhos para o cristianismo. Esse de fato parece ser o caso, conforme mostrado em programas de TV como o do sacerdote copta Zakaria Boutros.⁷ Contudo, o custo em termos de conflito intercomunitário é enorme, e os convertidos ou precisam permanecer como cristãos secretos ou ser extraditados para fora de suas sociedades para evitar que sofram, levando a uma acentuação do abismo entre as comunidades religiosas. Os que estão envolvidos em tal abordagem normalmente parecem bem convincentes ao ouvinte ou ao leitor, uma vez que adquiriram um conhecimento bem amplo de todas as fraquezas e problemas dentro do islã. Embora os resultados negativos dessa abordagem provavelmente venham a marcar as comunidades religiosas no mundo muçulmano por décadas, não podem ser completamente desprezados. A perturbadora realidade é que inúmeros muçulmanos convertidos ao cristianismo são leais apoiadores do Padre Zakaria, pois ele indubitavelmente dá voz à frustração reprimida deles que é honestamente resultado das numerosas experiências de opressão e perseguição vividas por suas famílias, comunidades e governos. Contudo, à medida que consideramos essa abordagem como cristãos evangélicos guiados pelo chamado de Deus a missões, também precisamos ter em mente a consideração bastante séria de que ninguém que esteja usando abertamente a abordagem polemista será capaz de manter uma presença transparente no mundo muçulmano.

A abordagem existencial da interação entre cristãos e muçulmanos: fomentar sociedades de diversidade

No final D2 do espectro de atitudes em relação ao diálogo, pode-se encontrar a abordagem existencial da interação. Uso o termo “existencial” aqui em um sentido não técnico e não filosófico, pois pertence à existência humana. Ao mesmo tempo, o existencialismo como filosofia, seja teísta ou ateísta, surgiu na reação cética à afirmação da primazia da razão.⁸ Nesse sentido, o uso do termo no presente contexto é apropriado, uma vez que a abordagem à interação entre cristãos e muçulmanos tem como seu foco principal preocupações sociológicas, em vez de teológicas. As preocupações são existenciais, em vez de racionais. As perguntas feitas por essa abordagem são: como os seguidores tanto do cristianismo quanto do islã podem viver melhor lado a lado? Como podem adquirir o nível de tolerância que venha a promover paz em vez de conflito entre eles? Como podemos construir uma sociedade melhor para o futuro, que respeite o pluralismo e a diversidade?

Neste tipo de interação entre cristãos e muçulmanos, as religiões estão claramente definidas e diferenciadas, mas Cristo pode ser visto como não sendo o único caminho para Deus e a salvação. Para aqueles que se envolvem na interação existencial, bondade e moralidade são a essência de todas as religiões. Essa posição dá espaço à existência de um papel divino mais significativo no florescimento das religiões. Nessa visão, o islã é uma religião originada em Deus, mas que, como todas as religiões, submeteu-se a muitas influências humanas também. Se Maomé de fato recebeu, em algum nível, um chamado divino para ser o Profeta de Deus aos árabes, então o Alcorão contém elementos substanciais da verdade divina e deve ser respeitado como Escritura. Portanto, no final, aqueles muçulmanos que forem fiéis serão salvos.

Cristãos que se envolvem nesse tipo de interação o farão com o objetivo de incentivar o entendimento e a tolerância social e religiosa mútua entre as comunidades cristãs e muçulmanas. Com o objetivo de alcançar esse propósito, eles vão interagir nos níveis social, econômico e político, apoiando os pontos em comum e evitando questões que tragam discórdia. Pode-se esperar que alguma transformação positiva das percepções mútuas e dos relacionamentos surja a partir desse diálogo, assim como maior tolerância e apreciação entre as comunidades religiosas. Pelo menos algum conhecimento das linhas gerais do islã é necessário nesse nível. Um excelente exemplo dessa abordagem pode ser visto no Concílio Vaticano II, onde a visão das outras religiões foi exposta pela primeira vez pelo teólogo católico Karl Rahner. Em sua Declaração sobre o Relacionamento da Igreja com Religiões Não Cristãs, o Concílio declarou:

Se, no decorrer dos séculos têm surgido dissensão e hostilidade não incomuns entre cristão e muçulmano, este sagrado Concílio agora insiste com todos para que se esqueçam do passado, que façam esforços sinceros de compreensão mútua e que trabalhem juntos na proteção e na promoção em benefício de todos os homens, justiça social, boa moralidade, assim como paz e liberdade.²

O tom conciliatório da declaração é evidente. Ele resulta do reconhecimento de uma longa história de conflito entre o cristianismo e o islã. Com seu foco na promoção da justiça social e da boa moralidade, paz e liberdade, ele tipicamente representa o nível de interação existencial.

A abordagem *Apologética* da interação entre cristãos e muçulmanos: beber da riqueza da história

Existe muito no Novo Testamento para justificar a adoção de um quarto tipo de interação, que chamei de interação apologética (D4). O apóstolo Paulo usa essa abordagem diversas vezes em suas epístolas como uma ferramenta para a confirmação do evangelho, e Pedro faz a famosa exortação a que “estejam sempre preparados para responder [*apologia*] a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês”. É

significativo notar que ele adiciona, sem fazer separação, a orientação “façam isso com mansidão e respeito” (1Pe 3:15, NVI). Esta abordagem, portanto, não deve ser tanto defensiva, com toda a conotação negativa que o uso do termo traz. Mas, pelo contrário, deve ser usada como uma ferramenta para esclarecer e eliminar conceitos errados em relação à fé cristã. Nos Evangelhos, o único lugar onde uma forma grega do termo é usada é nos dois discursos de envio realizados por Jesus, em Lucas 12:11 e em 21:14. Jesus exorta seus discípulos a não se preocuparem com a maneira pela qual vão se defender (apologia) perante aqueles que os prenderem, pois Deus lhes dará, no devido tempo, as palavras de sabedoria de que precisarão.

O principal problema desta abordagem é a maneira como ela tem sido usada historicamente, prendendo o discurso tanto de cristãos quanto de muçulmanos em argumentos geralmente estéreis que foram passados adiante no decorrer dos séculos. No século XI, como já demonstrei em outro lugar,¹⁰ o que encontramos repetidas vezes é uma incansável repetição dos mesmos argumentos por ambos os lados, frequentemente refletindo até mesmo um empréstimo literário de argumentos antigos. Como mostrei, naquela época, não havia qualquer esforço interpretativo original em discussões baseadas nas Escrituras cristãs e muçulmanas, levando à eisegese extrema, em vez de à exegese correta, até o ponto em que o discurso se torna, na melhor das hipóteses, dois monólogos separados.

Essencialmente, esta posição sustenta que existe uma Verdade suprema: Deus. Judaísmo e cristianismo são as únicas religiões divinamente estabelecidas, e Cristo, que está no centro do cristianismo, é o único caminho para a salvação. O islã é visto como um fenômeno humano cuja compreensão de Deus é equivocada, devido ao fato de que o próprio Maomé era equivocado. O fenômeno da revelação corânica talvez reflita que Maomé tinha alguns problemas psicológicos que o levaram a acreditar que recebera um chamado profético. Por conseguinte, o Alcorão é um plágio da Bíblia e contém muitos erros e incorreções. Dentro desse arcabouço, os muçulmanos estão sendo desencaminhados por uma religião mundana que os afasta da adoração do Deus verdadeiro. Neste tipo de interação, os cristãos vão se envolver com os muçulmanos unicamente com o propósito de evangelismo, buscando demonstrar a eles a verdade do cristianismo e visando a refutar a validade do islã. Os métodos primários usados são debates públicos que fazem uso intenso de argumentos apologéticos, assim como a confiança na apologética e na polêmica nas tentativas particulares de converter muçulmanos ao cristianismo. Embora alguns muçulmanos se convençam a se tornar cristãos debaixo da influência de pesadas demonstrações apologéticas da verdade do cristianismo, deve-se esperar a argumentação cíclica, devido ao longo histórico de argumentos e contra-argumentos aprendidos por ambos os lados. Neste nível, tanto cristãos quanto muçulmanos vão frequentemente estudar e decorar respostas padronizadas a perguntas ancestrais.

A abordagem *Kerigmática* da interação entre cristãos e muçulmanos: o Evangelho como Deus o proclamou

Por fim, chegamos ao nível Kerigmático de interação que, creio eu, tem o potencial de ser mais frutífero para o evangelho de Cristo como boas novas e mais condutivo à paz em nossa era de grandes conflitos. Sem desprezar totalmente as outras quatro abordagens, creio que é por meio desta abordagem Kerigmática que seremos capazes de pensar de maneira mais cristocêntrica sobre o islã e os muçulmanos. “Kerigmático” vem da palavra grega *kerigma* e do verbo *kerysso*, mais comumente encontrados nos Evangelhos na forma do participio presente *kerysson* (proclama). O *kerygma* no Novo Testamento é tanto o ato de proclamar quanto a proclamação em si. Está conectado com a proclamação das boas novas de Deus envolvendo arrependimento, o reino e Jesus —primeiro por João Batista (Mt 3:1; Mc 1:4; Lc 3:3), depois pelo próprio Jesus (Mt 4:23; 9:35; Mc 1:14, 39; Lc 4:4; 8:1) e posteriormente pelos discípulos no livro de Atos (20:25; 28:31). Uma característica significativa do *kerygma* no uso que o apóstolo Paulo faz do termo é que ele não é planejado para ser sedutor por meio do uso de sábias palavras humanas, mas, ao contrário, confia inteiramente no poder do Espírito de Deus (1Co 2:4). É por isso que Paulo insiste com Timóteo para que ele proclame (*keryxon*) a mensagem a tempo e fora de tempo (2Tm 2:42). E quando ele se vê diante do tribunal em Roma, muito embora a sessão deva ser oficialmente a primeira defesa (en te prote mou apologia) (2Tm 4:16), ele a considera como sendo uma oportunidade para que a proclamação (*kerygma*) seja ouvida plenamente por todos os gentios (2Tm 4:17).¹¹

Quero reter desse uso que Paulo faz a diferença entre o *kerygma* e a apologia, a diferença em atitude entre uma defesa apologética da crença de uma pessoa, por um lado, e a proclamação positiva, por outro. A abordagem Kerigmática da interação entre cristãos e muçulmanos é assim destituída de agressividade polêmica, de defesa apologética, de capacidade de adaptação existencial ou de simulação sincrética; não porque qualquer uma dessas outras quatro abordagens seja necessariamente errada, mas porque esta é a natureza do *kerygma*: o convite gracioso e positivo de Deus à humanidade para que tenha um relacionamento consigo mesmo através de Jesus. Essencialmente não há necessidade de militantes impositores, de defensores fanáticos, de adaptadores inteligentes e de revisores habilidosos.

Para o seguidor Kerigmático de Cristo, as religiões são reconhecidas como uma parte essencial das necessidades psicológicas e sociológicas humanas. Ao mesmo tempo, Deus é visto como estando acima de qualquer sistema religioso. Embora Deus seja a Verdade absoluta, nenhum sistema religioso único é infalível ou completamente satisfatório. Eu defenderia que os Evangelhos indicam que o próprio Jesus, que nunca foi visto negando sua herança judaica, teve essa atitude. Ele estava em paz com sua identidade religiosa como judeu, praticava os requisitos da lei desde a infância, entrava em locais judeus de adoração e foi treinado na teologia e nos métodos judaicos. Ao mesmo tempo, sempre que Jesus expressou frustração nos

Evangelhos, geralmente foi ou em relação a alguma forma religiosa institucional estratificada como o sábado, ou na direção de líderes religiosos institucionais. Sua mensagem ultrapassava a segurança das fronteiras legalistas de retidão e seu convite para se relacionar com Deus era estendido ao marginalizado e ao proscrito de sua sociedade. Além disso, através de parábolas habilmente construídas, Jesus proclamou a si mesmo como o inaugurador do reino de Deus em cumprimento à promessa de Deus às nações, e estabeleceu a si mesmo como o critério final de admissão nesse reino, como o caminho que leva ao Pai.

Portanto, reconhecendo que a organização social é um fenômeno natural humano na direção do qual todos nós estamos inclinados, a posição e a atitude Kerigmáticas não consistem em rejeição à herança religiosa de alguém, pois em pouco tempo seria substituída por outra forma de ideologia. Na abordagem Kerigmática é o próprio Cristo quem está no centro da salvação, em vez de qualquer sistema religioso. O kerygma nunca é uma mensagem de condenação, mas traz condenação àqueles que estão presos dentro das fronteiras religiosas. A principal diferença entre esta posição e as outras no espectro dialógico é que a conversa é removida completamente do âmbito do discurso religioso institucionalizado. Um teólogo que captou essa visão de mundo foi Karl Barth. Em um capítulo que ele chamou de “A revelação de Deus como a abolição da religião”, ele disse: “Começamos declarando que religião é descrença. É uma preocupação, de fato, que devemos dizer que é uma grande preocupação, o homem sem Deus”.¹²

A abordagem Kerigmática que defendemos aqui é, portanto, o equivalente da revelação barthiana de Deus. O *kerygma* defendido por esta abordagem nada mais é senão a própria revelação de Deus em Cristo. Como, portanto, uma abordagem Kerigmática e suprarreligiosa ao caminho de Cristo desenvolve uma visão e uma expressão significativas do fenômeno islâmico? É a isso que nos voltaremos agora.

Visão do fenômeno islâmico

Ao passo em que a posição Kerigmática adota uma abordagem suprarreligiosa à compreensão e ao relacionamento com Deus por meio de Cristo, ela vê o islã como um fenômeno religioso institucionalizado *par excellence*. Pode ser adequadamente dito que a lei islâmica, a sharia, seja a mais autêntica manifestação do islã. Em um sentido bastante real, isso a coloca na categoria de fenômeno sociopolítico vestido com roupas religiosas. Isso não torna a manifestação religiosa do islã menos real ou menos genuína, pelo menos a partir da perspectiva de seus seguidores. Seria possível dizer que o islã foi particularmente bem-sucedido por conta de seu forte componente religioso e ideológico.

Com base em uma leitura do próprio Alcorão, a abordagem Kerigmática considera que o islã preservou muitos elementos importantes e positivos da tradição judaico-cristã. Como tal, o islã contém muita verdade sobre Deus e sua revelação. Em contrapartida,

porque a perspectiva Kerigmática busca ser supremamente centrada em Cristo, ela também considera que o islã carece de muitas das verdades essenciais das boas novas de Deus conforme reveladas e proclamadas em e por Jesus Cristo nos Evangelhos.

O profeta do islã na abordagem Kerigmática

A abordagem Kerigmática sustentaria que Maomé, o mensageiro do islã, acreditava que havia recebido um chamado divino genuíno para ser o profeta de Deus aos árabes. A personalidade de Maomé é complexa e não pode ser definida completamente por meio de um único período de sua vida. Ele foi um líder carismático e profético em Meca e no início do período de Medina, mas depois se tornou mais um líder político, militar, econômico e social, particularmente no período posterior em Medina. A evidência corânica parece indicar que ele via a si mesmo, em grande escala, como a continuação da linhagem profética judaico-cristã, cuja missão era afastar seu povo da idolatria e levá-lo à adoração do único Deus.

A partir de uma perspectiva puramente humana e deixando de lado uma compreensão teológica de revelação e inspiração, a personalidade de Maomé não é diferente da de alguns profetas e homens de Deus do Antigo Testamento. Um insight muito útil em relação a esse ponto pode ser encontrado no diálogo antigo entre Timóteo I, patriarca da Igreja do Oriente, e Califa Abássida al-Mahdī, uma conversa que aconteceu perto do final do século VIII. Tendo sido questionado pelo califa sobre sua opinião concernente ao profeta do islã, Timóteo traça um paralelo entre ele e alguns dos profetas do Antigo Testamento. Tal como eles, “ele ensinou a doutrina da unidade de Deus”, “afastou seu povo das más obras e o trouxe para mais perto das boas”, “separou seu povo da idolatria e do politeísmo e o ligou ao culto e ao conhecimento do único Deus” e “ensinou sobre Deus, sua Palavra e seu Espírito”. Timóteo I compara Maomé a Moisés, uma vez que ele “não apenas lutou por Deus em palavras, mas também mostrou seu zelo por ele na espada”. Além disso, adiciona Timóteo, tal como Abraão, Maomé “deu as costas aos ídolos e a seus adoradores, quer esses ídolos fossem os de seus próprios parentes ou de estrangeiros, e honrou e adorou apenas a Deus”. Timóteo encerra seu tratamento do assunto declarando: “Quem não louvará, ó nosso Rei vitorioso, aquele a quem Deus louvou, e não tecerá uma coroa de glória e majestade àquele a quem Deus glorificou e exaltou? Essas e coisas similares eu e todos os que amam a Deus falam sobre Maomé, ó meu soberano”.¹³

Essa perspectiva oferecida por Timóteo I, Patriarca da Igreja do Oriente, é útil em nossa tentativa de compreender o mensageiro do islã. A abordagem Kerigmática acredita no caráter derradeiro de Jesus Cristo, em quem a plenitude das boas novas de Deus foram reveladas. Mas isso não precisa nos impedir de admitir a grandeza de Maomé ou de percebê-lo, se não como profeta, todavia como um *mensageiro, um rasūl*, que levou uma importante mensagem divina ao seu povo, liderando-o para longe do politeísmo e atraindo-o para a adoração ao único Deus.

O livro santo do islã, o Alcorão, como visto na abordagem Kerigmática

“Pelo Livro lúcido. Nós o fizemos um Alcorão árabe, a fim de que o compreendêsseis”
(az-Zukhruf [az Zúkhuruf] [43]:2, 3).

“Só to facilitamos (o Alcorão), na tua língua para que, com ele, exortes os devotos e admoestes os impugnadores. (Maryam [Mariam] [19]:97).

“Em verdade, temos-te facilitado (o Alcorão) em tua língua, para que meditem”.(ad-Dukhān [ad Dukhan] [44]:58).

“Em verdade, facilitamos o Alcorão, para a admoestação. Haverá, porventura, algum admoestado?” (al-Qamar [al-Câmar] [54]:17).

Muitos versículos do Alcorão parecem indicar que a mensagem de Maomé foi sua tentativa genuína de prover o que ele acreditava ser os elementos essenciais das Escrituras judaico-cristãs para seu povo árabe em uma linguagem que eles pudessem entender, ou seja, o árabe. Alguns estudiosos propuseram que a própria palavra “Alcorão” é de fato um empréstimo do siríaco “*qeryānā*”, que significa simplesmente um “*lecionário*”.¹⁴ De acordo com essa visão, originalmente o Alcorão era apenas um lecionário em árabe da Bíblia, não muito diferente de um targum judaico.

No primeiro versículo citado acima, o desejo do Alcorão é literalmente que aqueles que recebem o livro árabe possam chegar a uma compreensão adequada (*la'allakum ta'qilūn*) dos assuntos de Deus. Os três versículos seguintes são a afirmação de Deus a Maomé de que ele lhe dera o Alcorão em árabe para que fosse mais fácil a ele (yassarnāhu, lit. “nós o facilitamos”) proclamar a mensagem.

Existem vários versículos no Alcorão que parecem apoiar essa visão de que, no período inicial em Meca e no início do período de Medina, Maomé via sua mensagem como uma continuação da tradição judaico-cristã. Deus incentiva seu mensageiro dizendo a ele que no caso de sua própria tribo (os coraixitas) não receber sua mensagem, eles deveriam perguntar ao Povo do Livro (cristãos e judeus), que confirmariam a eles que a mensagem era autêntica. Nesse estágio existe a pressuposição de que cristãos e judeus vão naturalmente receber a mensagem dele, uma vez que ela não se coloca em contradição com suas próprias Escrituras.

“Antes de ti não enviamos senão homens, que inspiramos. Perguntai-o, pois, aos adeptos da Mensagem, se o ignorais!” (an-Nahl [16]:43 Yusuf Ali).

“E assim te revelamos o Livro. Aqueles a quem concedemos o Livro creem nele, e também entre estes (árabes idólatras) há os que nele creem; e ninguém, salvo os incrédulos, nega os Nossos versículos” (al-Ankabūt [29]:47 Yusuf Ali).

De acordo com comentaristas muçulmanos, essas duas passagens foram reveladas em Meca. Um terceiro versículo, citado a seguir, é menos otimista em sua aparência. É um versículo de Medina que reflete o desapontamento de Maomé com a maneira como judeus e cristãos rejeitaram sua mensagem, por entender que ela continha alguns elementos que eram estranhos às suas próprias Escrituras.

“E quando lhes foi apresentado um Mensageiro (Mohammad) de Deus, que corroborou o que já possuíam, alguns dos adeptos do Livro (os judeus) atiraram às costas o Livro de Deus, como se não o conhecessem” (al-Baqara [2]: 101 Yusuf Ali).

Desse ponto em diante, a saber, o período posterior em Medina, Maomé começa a se dissociar da tradição judaico-cristã. Uma das mais impressionantes manifestações disso é a mudança na direção da oração (*qibla*) que é apresentada na surata al Bâcara [2]:143-45. Inicialmente, a comunidade de Maomé orava em direção a Jerusalém, como faziam os judeus e os cristãos do oriente. O tratado de *Al-Wâhidî's sobre Asbâb an-Nuzûl* [As ocasiões das Revelações] menciona, com respeito ao versículo 144, que Maomé recebeu essa nova instrução dezesseis meses depois de sua chegada a Medina. Foi aproximadamente nessa época que o relacionamento de Maomé especialmente com os judeus de Medina havia se deteriorado seriamente.¹⁵

Os muçulmanos vistos através da perspectiva Kerigmática

Se acreditarmos no relato islâmico tradicional sobre o desenvolvimento da comunidade primitiva de Maomé, podemos concluir que os árabes que receberam a mensagem inicial do período de Meca viam-se essencialmente em um lugar similar ao dos parentes do patriarca bíblico Abraão, com um convite claro para abandonar o politeísmo e assumir a adoração do único Deus. Durante o período de Medina, porém, a comunidade em torno de Maomé viu-se em conflito com aqueles com quem ela havia buscado continuidade, particularmente os judeus de Medina. Além disso, não diferentemente dos judeus do tempo de Jesus, eles tinham de lidar com uma imagem de Jesus que conflitava em muitos aspectos com aquela que estava se desenvolvendo dentro da mensagem de Maomé. Devido ao crescente conflito econômico, social e político com os judeus de Medina, o resultado foi a rejeição daquela imagem e um crescente distanciamento da tradição judaico-cristã.

Hoje, uma percepção Kerigmática dos muçulmanos diria que muito embora os muçulmanos tenham como sua principal preocupação agradar a Deus, eles carecem da habilidade desse relacionamento profundo e pessoal com Deus que, de acordo com os Evangelhos, só é possível para aqueles que respondem ao convite de Cristo para se aproximarem de Deus como Pai por meio de uma filiação fraternal com ele mesmo. É essa visão do fenômeno islâmico conforme desenvolvi aqui, incluindo a

compreensão de onde os muçulmanos estão em sua busca e jornada em relação a Deus, que motiva um seguidor de Cristo a ser uma testemunha, a compartilhar o *kerygma* divino com muçulmanos. Vamos agora nos voltar resumidamente ao propósito, aos métodos e aos resultados desse esforço.

Propósito do relacionamento com o islã e os muçulmanos

Usando como pano de fundo a posição desenvolvida acima, aqueles seguidores de Cristo que defendem uma compreensão Kerigmática do islã se envolverão com muçulmanos em duas fundações sólidas: respeito e confiança. Por um lado, nem a atitude sincretista diante das religiões, que deprecia a singularidade da experiência espiritual de uma pessoa, nem a atitude polemista, que busca enfatizar os aspectos negativos da visão de mundo da outra pessoa, vão fomentar o respeito mútuo entre duas pessoas. Por outro lado, tanto a abordagem existencial quanto a apologética vão afastar do envolvimento, a primeira buscando permanecer longe da conversa sobre Deus, e a última (em sua forma extrema) levantando uma parede defensiva sem jamais se envolver de maneira criativa e positiva. Essas são, é claro, até certo ponto generalizações, mas elas são úteis para identificar mais claramente o meio-termo. As pessoas Kerigmáticas não fogem do envolvimento. E porque elas o fazem baseadas num arcabouço plenamente desenvolvido e numa compreensão do islã, elas são capazes de fazer isso respeitosamente, com um desejo genuíno de aprender por meio de uma troca mútua de percepções sobre Deus e a fé. O envolvimento com o islã em um nível Kerigmático vai quase sempre enriquecer todos os envolvidos.

Nesse contexto de relacionamento de respeito mutuamente enriquecedor, a confiança se desenvolverá, ao ponto em que uma conversa significativa venha a acontecer. Conversa significativa e transformadora de vida dificilmente pode acontecer fora de tal respeito e confiança. E a pessoa Kerigmática sabe que qualquer conversação significativa sobre Cristo deve ser transformadora de vida, à medida que for compartilhada a singularidade que Cristo traz ao nosso relacionamento com Deus. Mas é importante enfatizar que esse envolvimento não vai simplesmente em uma única direção. O relacionamento de confiança e respeito que é desenvolvido através da abordagem Kerigmática deve ser precisamente mútuo. O envolvimento Kerigmático cria uma oportunidade de ouvir aquilo que os muçulmanos têm a dizer sobre questões religiosas também, a oportunidade de aprender e estar disposto à correção, em vez de nos prendermos às nossas percepções daquilo em que eles creem, de modo que equívocos e erros de percepção possam ser dissipados.

Métodos usados na abordagem Kerigmática ao islã e aos muçulmanos

A prática da abordagem Kerigmática na interação entre cristãos e muçulmanos conhece alguns limites. Toda ocasião é adequada para dar testemunho, de maneira respeitosa, das boas novas de Cristo. Um seguidor de Cristo usando essa abordagem fará alegremente uso do Alcorão e de outros elementos da tradição islâmica como pontes apropriadas e aceitáveis de comunicação.

Essa abordagem não se afastará dos fóruns de discussão sobre questões teológicas, doutrinárias, sociais, culturais e de outro tipo. Nenhum tópico é tabu, desde que um intercâmbio respeitoso esteja preparado e seja assumido. No nível Kerigmático, o diálogo acontece entre líderes religiosos e acadêmicos que possuam uma fé profundamente enraizada e estejam dispostos a compartilhar sem comprometimentos com pessoas genuínas. Como resultado, a consequência de tal intercâmbio é profunda, alcançando até as pessoas comuns da sociedade.

Minha ênfase no meio-termo, a abordagem Kerigmática, não nega a legitimidade de usar outros tipos de interação encontrados no espectro D1-D5. Em minha experiência, diferentes cenários e audiências podem exigir diferentes estilos e abordagens. Pessoalmente, na maioria dos casos, eu evitaria D1 e D5, salvo em algumas circunstâncias excepcionais, onde a profundidade de uma amizade permita e exija a discussão de um assunto quente e problemático no nível D5. De modo geral, eu daria preferência à combinação de D2 e D3 em um cenário público, onde o tratamento de problemas sociais (D2) é crucial e apresenta maior probabilidade de ser frutífero. Em cenários particulares, eu favoreceria uma combinação de D3 e D4, onde a abordagem apologética costuma servir para esclarecer certos mal-entendidos profundamente enraizados que os muçulmanos têm sobre Cristo e a Bíblia. Embora lidar com tais questões em público seja frequentemente fútil, pode ser bastante adequado em conversa com um amigo muçulmano não defensivo que esteja genuinamente procurando entender. Finalmente, vejo-me inclinado na direção de D2 em conversa com líderes religiosos muçulmanos, e mais na direção de D4 em conversa com muçulmanos menos proeminentes.

A partir de uma perspectiva de missão, a natureza não agressiva e suprarreligiosa da atitude e do discurso Kerigmáticos tem o potencial de evitar a alienação imediata de um muçulmano que deseja explorar as implicações das boas novas de Deus em Cristo por outros membros da comunidade daquela pessoa. Isso significa que a extração de tal pessoa de sua comunidade — quer induzida ou autoimposta — pode ser evitada, de modo que aquela comunidade como um todo possa se beneficiar do poder transformador de Cristo.

Teste de Atitude em Relação ao Islã e aos Muçulmanos (TARIM)

Para cada caso, marque uma letra que melhor reflita sua posição.

1. Minha visão sobre as religiões é que:

- a) Todos os caminhos levam a Roma.
- b) Bondade e moralidade são a essência das religiões.
- c) Elas são uma parte essencial da necessidade psicológica e sociológica do homem. Embora Deus seja a Verdade absoluta, não há um único sistema religioso que seja infalível ou completamente satisfatório.
- d) Existe apenas uma Verdade derradeira, que é Deus.
- e) Existe apenas uma religião que é verdadeiramente de Deus: o cristianismo.

2. O islã foi:

- a) Uma religião originada de Deus, mas, tal como todas as religiões, submeteu-se a muitas influências humanas também.
- b) Um fenômeno sociopolítico, bem-sucedido por causa de seu forte elemento religioso-ideológico, que foi reaproveitado da tradição judaico-cristã.
- c) Um fenômeno humano cuja compreensão de Deus é equivocada.
- d) Um esquema desenvolvido e realizado pelo diabo.
- e) Um fenômeno sociopolítico como qualquer outro movimento religioso bem-sucedido da história humana.

3. Maomé foi:

- a) Um carismático líder profético e religioso que acreditava genuinamente que havia recebido um chamado profético divino para seu povo.
- b) Equivocado, pode ter tido alguns problemas psicológicos que o levaram a crer que havia recebido um chamado profético.
- c) Possuído por demônios, um anticristo cuja missão era enganar todas as pessoas.
- d) Um astuto líder sociopolítico que sabia como usar suas realidades econômica e histórica para vantagem de sua comunidade e para fins pessoais.
- e) Até certo ponto, alguém que recebeu um chamado divino para ser o Profeta de Deus entre os árabes.

4. O Alcorão:

- a) Foi um plágio da Bíblia e contém muitos erros e imperfeições.
- b) Foi inspirado pelo diabo e está cheio de mentiras e engano. O simples ato de lê-lo torna a pessoa impura.
- c) Foi um feito literário do próprio Maomé ou de seu séquito, que Maomé usou com o objetivo de impressionar uma sociedade que era fortemente atraída por literatura poética.
- d) Contém elementos substanciais da verdade divina e deve ser respeitado como Escritura.

- e) Foi a tentativa genuína de Maomé de apresentar aquilo que ele acreditava ser os elementos essenciais das Escrituras judaico-cristãs no idioma árabe.

5. Muçulmanos praticantes são:

- a) Os seguidores enganados de uma religião que não tem nada de bom a oferecer ao mundo.
- b) Seguidores de uma ideologia religiosa que oferece um código viável de ética e faz com que sejam bons cidadãos.
- c) Vistos positivamente por Deus quando se esforçam fielmente para serem piedosos e devotos.
- d) Basicamente preocupados em agradar a Deus, mas carecem da habilidade de desfrutar de um relacionamento pessoal com ele através de Cristo.
- e) Pessoas enganadas por uma religião mundana que os afasta da adoração do Deus verdadeiro.

6. No final:

- a) Os muçulmanos irão para o inferno, pois caíram em um engano.
- b) Os muçulmanos não serão salvos, pois não chegaram ao conhecimento de Cristo.
- c) Os muçulmanos que buscam genuinamente podem vir a conhecer a Cristo mesmo com base no Alcorão.
- d) Os muçulmanos serão salvos se forem fiéis à religião do islã.
- e) Os muçulmanos, tal como todas as outras pessoas, serão salvos pela ilimitada benevolência de Deus.

7. Meu propósito ao me relacionar com muçulmanos é:

- a) Evangelizá-los ao demonstrar a eles a verdade do cristianismo e refutar a validade do islã.
- b) Ter uma oportunidade de testemunhar sobre os elementos singulares que Cristo traz para enriquecer o relacionamento dos seres humanos com Deus.
- c) Encorajar compreensão e tolerância mútua nos aspectos sociais e religiosos entre as comunidades cristã e muçulmana.
- d) Convidar os muçulmanos a serem uma parte positiva em uma humanidade universal multicultural e multirreligiosa em toda sua rica pluralidade.
- e) Demonstrar aos muçulmanos a falsidade e o engano do islã e salvar da perdição tantos quantos for possível.

8. Ao interagir com os muçulmanos, os melhores métodos são:

- a) O uso do Alcorão, da Bíblia e de outros elementos de ambas as tradições como um fundamento para discutir questões teológicas, doutrinárias, sociais e culturais.
- b) A ênfase em denominadores comuns e o afastamento de questões que causem divisão.
- c) Diálogo sobre questões sociais, econômicas e políticas.

- d) Acentuar as diferenças religiosas e usar a polêmica para desacreditar o islã, ou não ter qualquer tipo de contato com muçulmanos.
- e) Debates públicos que façam uso intensivo de argumentos apologéticos.

9. Creio que minha interação com muçulmanos deve levar:

- a) A uma transformação positiva mútua de percepções e relacionamentos.
- b) A uma maior tolerância e apreciação entre comunidades.
- c) À acentuação das diferenças entre comunidades religiosas e à predominância do cristianismo.
- d) Os muçulmanos a se converterem ao cristianismo por meio do convencimento sobre a verdade prevalente do cristianismo acima de todas as outras religiões.
- e) A um impacto profundo em sociedades muçulmanas sem criar inimizade imediata entre membros da comunidade, e evitar a “extração” daqueles que venham a aceitar a Cristo.

10. Com o propósito de interagir eficazmente com muçulmanos, creio que:

- a) Preciso compreender o islã como uma realidade política.
- b) Preciso descobrir todas as fraquezas e problemas do islã.
- c) Preciso adquirir um amplo conhecimento das respostas às perguntas e aos desafios islâmicos.
- d) Preciso adquirir um amplo conhecimento interno do islã.
- e) Preciso compreender as linhas gerais do islã como religião.

Interpretação do TARIM

Atribua a si mesmo o valor numérico que corresponde à sua resposta para cada pergunta e então calcule o total.

1. Minha visão sobre as religiões

a=1, b=2, c=3, d=4, e=5

2. Islã

a=2, b=3, c=4, d=5, e=1

3. Maomé

a=3, b=4, c=5, d=1, e=2

4. O Alcorão

a=4, b=5, c=1, d=2, e=3

5. Muçulmanos praticantes

a=5, b=1, c=2, d=3, e=4

6. No final

a=5, b=4, c=3, d=2, e=1

7. Propósito

a=4, b=3, c=2, d=1, e=5

8. Melhores métodos

a=3, b=2, c=1, d=5, e=4

9. Resultado

a=2, b=1, c=5, d=4, e=3

10. Extensão do conhecimento sobre o islã

a=1, b=5, c=4, d=3, e=2

Total: _____

Interpretação dos resultados do TARIM:

10-12: Atitude *sincretista* em relação ao islã e aos muçulmanos

13-22: Atitude *existencial* em relação ao islã e aos muçulmanos

23-32: Atitude *Kerigmática* em relação ao islã e aos muçulmanos

33-42: Atitude *apologética* em relação ao islã e aos muçulmanos

43-50: Atitude *polemista* em relação ao islã e aos muçulmanos

Martin Accad é diretor do Instituto de Estudos do Oriente Médio (<https://imeslebanon.wordpress.com>), associado ao Seminário Teológico Árabe Batista de Beirute, no Líbano. Recebeu seu doutorado (PhD) em estudos islâmicos pela Universidade de Oxford e é professor associado de islamismo no *Fuller Theological Seminary* (Pasadena, Califórnia).

Autorização para a tradução e uso concedido ao “Centro de Reflexão Missiológica Martureo” (www.martureo.com.br). Proibida a reprodução sem autorização prévia.

¹ *From Toward Respectful Understanding & Witness Among Muslims*, Evelyne A. Reisacher, Editor, 2012. Used by permission of William Carey Library, publisher.

² Antes de prosseguir na leitura, recomendo que você faça o *Teste de Atitude em Relação ao Islã e aos Muçulmanos* (TARIM), que é encontrado no final deste capítulo. O restante do capítulo se baseará nos resultados do teste.

³ Ênfase minha. <<http://www.humanrights.com/pt/what-are-human-rights/universal-declaration-of-human-rights/articles-11-20.html>>

⁴ John HICK e Brian Hebblethwaite, orgs. *Christianity and Other Religions: Selected Readings*. Philadelphia: Fortress, 1980, p. 190.

⁵ O foco claro e a preocupação com a salvação inerentemente presentes nessas diferentes visões é evidente, por exemplo, no próprio título da obra de Dennis L. Okholm e Timothy R. Phillips, orgs., *Four Views on Salvation in a Pluralistic World* [Quatro visões sobre salvação em um mundo pluralista]. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

⁶ Dois exemplos impressionantes desse tipo de abordagem são os autores bizantinos do século IX Nicetas de Bizâncio e George Hamartolos. O primeiro começa chamando o Alcorão de “abominável” e “bárbaro”, e Maomé de “perverso”, “bestial” e possuidor da “perversidade de Satanás” (J. P. Migne, ed., *Patrologia graeca*, vol. 105). O segundo termina referindo-se aos muçulmanos como “homens cujas almas nauseantes condizem com porcos” (Migne, *Patrologia graeca*, vol. 110).

⁷ <<http://www.fatherzakaria.net/>>

⁸ Sobre o existencialismo como uma filosofia, veja por exemplo Mircea Eliade, org., *The Encyclopedia of Religion* (New York: Macmillan, 1987), s.v. “Existentialism”, por John Macquarrie.

⁹ Hick e Hebblethwaite, *Christianity and Other Religions*, p. 82-83.

¹⁰ Martin Accad, *Corruption and/or Misinterpretation of the Bible: The Story of the Islamic Usage of Tarīf*, *The Near East School of Theology Theological Review* 24, no. 2 (2003); M. Accad, *The Gospels in the Muslim Discourse of the Ninth to the Fourteenth Century: An Exegetical Inventorial Table (Parts I–IV)*, *Islam and Christian-Muslim Relations* 14, no. 1 (2003); e M. Accad, *The Interpretation of John 20:17 in Muslim-Christian Dialogue (8th–14th Centuries): The Ultimate Proof-Text*, em *Christians at the Heart of Islamic Rule*, ed. David Thomas (Leiden, The Netherlands: Brill, 2003).

¹¹ Sobre os vários significados do conceito, tanto dentro quanto fora do texto bíblico, veja Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, eds.; Geoffrey W. Bromiley, trad. para o inglês, *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), s.v. “Kerygma”, por Gerhard Friedrich.

¹² Hick e Hebblethwaite, *Christianity and Other Religions*, p. 35.

¹³ Alphonse Mingana, org., 1. *Timothy's Apology for Christianity*. 2. *The Lament of the Virgin*. 3. *The Martyrdom of Pilate, Woodbrooke Studies 2* (Cambridge: W. Heffer & Sons, 1928), p. 61-62; citado de <<http://darkwing.uoregon.edu/~ssoemak/102/texts/timothy.html>>

¹⁴ Sobre essa visão no mundo acadêmico recente, veja Christoph Luxenberg, *The Syro-Aramaic Reading of the Koran: A Contribution to the Decoding of the Language of the Koran* (Berlin: Hans Schiler, 2007).

¹⁵ Uma tradução dessa obra para o inglês pode ser encontrada em <<http://www.altafsir.com>>. Veja especialmente <<http://www.altafsir.com/AsbabAlnuzol.asp?SoraName=2&Ayah=144&search=yes&img=A>>.